

Cultura histórica nas pós-graduações do Nordeste: a representação dos sertões e dos sertanejos nas dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas (PPGH/UFAL)¹

Ana Gabrielle Pinto Delfino

Graduanda em História

Centro de Ensino Superior do Seridó - UFRN

a.gabrielle.pd@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-0099-8539>

Resumo: O presente trabalho tem como escopo a análise das representações de sertões e sertanejos presentes nas narrativas históricas das dissertações de mestrado do PPGH/UFAL. O objetivo geral do projeto que o originou foi contribuir com os estudos de história da historiografia brasileira, examinando a presença e dos usos do conceito de “sertões” e de “identidade sertaneja” nas produções dos programas de pós-graduação do Nordeste. Nesta primeira etapa, buscamos caracterizar como esses conceitos mobilizados aparecem nos trabalhos do mestrado do PPGH/UFAL. Para isso foi realizado um levantamento de fontes do repositório institucional da UFAL, onde foram selecionadas quaisquer dissertações do mestrado em História que tratassem da temática sertaneja. A partir dessa seleção, os textos foram analisados e destrinchados a fim de construir a análise proposta. Foi observada, como resultado parcial, a caracterização inicial do tratamento de temáticas sertanejas nos trabalhos defendidos pelo PPGH/UFAL.

Palavras-Chave: História da Historiografia; Sertões; Sertanejos; Cultura Histórica.

¹ Trabalho resultante de financiamento de pesquisa no Programa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PIBID/UFRN, campus Caicó, no projeto “Por uma erótica da história: (in)visibilidade, silêncio e posição do sujeito na história da historiografia brasileira o caso dos estudos sobre sertões (séculos XX-XXI)”, sob orientação do Prof. Dr. Evandro dos Santos.

Historical Culture in Graduate Programs in Northeast Brazil: The Representation of the Sertões and Sertanejos in Master's Theses of the Graduate Program in History at the Federal University of Alagoas (PPGH/UFAL)

Ana Gabrielle Pinto Delfino

Graduanda em História

Centro de Ensino Superior do Seridó - UFRN

a.gabrielle.pd@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-0099-8539>

Abstract: This article examines the representations of the *sertões* (backlands) and *sertanejos* (inhabitants of the backlands) found in the historical narratives of master's dissertations produced within the Graduate Programme in History (PPGH) at the Federal University of Alagoas (UFAL). The broader research project from which this study derives aims to contribute to the field of Brazilian historiography by analysing how the concepts of *sertões* and *sertanejo identity* are employed and reinterpreted in postgraduate research produced in the Northeast. In this initial phase, the focus lies on the master's dissertations defended at PPGH/UFAL. To this end, sources were gathered from UFAL's institutional repository, selecting all dissertations in History that addressed the *sertanejo* theme. The selected texts were then examined and deconstructed in order to establish a critical framework for analysis. As a partial result, the study identifies the initial characterisation of how *sertanejo* topics have been addressed within the dissertations defended in the programme, thereby outlining the specific ways in which the backlands and their inhabitants have been represented in the academic production of UFAL.

Keywords: History of Historiography; *Sertões*; *Sertanejos*; Historical Culture.

Introdução

Não existe produção que se separe de seu contexto. Todas as obras humanas carregam consigo historicidade, o que nos permite imaginar as circunstâncias em que viviam, criavam e pensavam os sujeitos envolvidos em sua construção. Dentro do campo da disciplina histórica, há uma categoria de atividade inquisidora que busca, recursivamente, historicizar a ação historiadora ao longo do tempo: a história da historiografia. Dentre outras, a principal característica desta é registrar, refletir e criticar os jeitos de se produzir textos históricos ao longo do tempo (Gontijo, 2011). Seu surgimento está atrelado à consolidação da disciplina no século XIX, tendo em vista que serviu para contar a trajetória do fazer histórico desde a Antiguidade até o momento de sua oficialização enquanto ciência (Araújo, 2008). Essa operação pensa também os agentes historiadores e sua trajetória dentro e fora da disciplina, com vistas a compreender quais aspectos permearam a sua produção e quais tendências de discurso foram assumidas durante seu exercício profissional.

No Brasil, a história da historiografia segue a mesma cronologia, com trabalhos como o “Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen”, de Capistrano de Abreu, publicado em 1878, e que buscou refletir sobre a produção de um dos primeiros representantes da disciplina histórica no país. Com a virada do século, seguiram-se transformações nas condições da produção histórica. Durante as décadas de 1930 e 1950, a profissionalização dos intelectuais brasileiros fez com que a universidade assumisse o centro do trabalho historiográfico. Nessa leva, temos como exemplo o ensaio de Sérgio Buarque de Holanda, intitulado “O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos”, de 1951 (Nicodemo, Santos, Pereira, 2018). A partir dessa virada, a universidade permaneceu protagonista enquanto local de produção historiográfica até os dias atuais, sem, no entanto, se eximir de mudanças significativas em sua estrutura enquanto instituição.

Para compreender a dimensão dessas transformações, e consequentemente suas repercussões nas formas de produção do conhecimento histórico, basta pensar nas condições de acesso ao ensino superior em meados do século XX e compará-las com os tempos presentes, no século XXI. Antes de tudo, é importante salientar que existiam faculdades, colégios, escolas profissionais e academias militares no Brasil desde os tempos

coloniais, e que os cursos universitários fundados na Primeira República se apoiaram diretamente nessa tradição prévia de ensino superior (Barreto e Filgueiras, 2007). No entanto, falar de universidades brasileiras enquanto instituições formalizadas só é possível a partir do início do século passado. A primeira universidade a ser criada no país foi a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920². Em 1934, nasce a Universidade de São Paulo (USP), tornando-se o maior centro de pesquisa do Brasil à época. Até 1961, com a fundação da Universidade de Brasília (UnB) e a implantação do sistema de vestibulares, o ensino superior do Brasil era consensualmente elitista (Souza, Miranda, Souza, 2019). A partir disso, foi constante a expansão de campus universitários, públicos ou privados, por todo país, ampliando o número de vagas, de opções de cursos, e conseqüentemente o número de alunos, advindos de classes sociais cada vez mais diversas – mas, sem anular as desigualdades, favorecendo sempre a elite. No entanto, na virada do século, ocorreu no Brasil uma guinada da participação popular nos espaços de ensino superior. Com a adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como processo seletivo para as universidades, além da criação de programas como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e Programa Universidade para Todos (ProUni), ficou facilitada a entrada de pessoas de baixa renda nos cursos de graduação. Tais medidas democratizadoras atuaram para a ampliação do perfil dos sujeitos envolvidos em pesquisa no país, ampliando os horizontes de discussão e os lugares subjetivos das produções científicas.

É nesse contexto que pensamos o presente trabalho. Este texto descreve a primeira etapa das atividades de uma pesquisa financiada, no nível de iniciação científica, que busca contribuir com os estudos de história da historiografia, pensando no contexto de produção das pós-graduações em história da região Nordeste. Mais especificamente, buscamos investigar como os conceitos de “sertão” e de “sertanejos” aparecem representados nas dissertações e teses defendidas por esses programas, no intuito de ampliar as crescentes discussões sobre história dos sertões, que vem ganhando cada vez mais espaço e

² Sabemos que, antes desse ano já havia instituições com título de universidade no país. É o caso da Escola Universitária de Manaós, de 1909, e a Universidade do Paraná, em 1912. No entanto, nos referimos à Universidade do Rio de Janeiro como a primeira a ser criada no contexto político de unificação do ensino superior do Brasil, que se traduz em criações de universidades articuladas entre si no âmbito de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, como abordamos essa temática somente à título de contextualização do nosso objeto de pesquisa, não foi possível, neste texto, aprofundar a discussão sobre os processos de consolidação das universidades no Brasil.

importância na historiografia brasileira. Aqui, fizemos o recorte para as dissertações de mestrado produzidas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (PPGH/UFAL), e analisamos sob a lente dos conceitos mobilizados as representações construídas pelos mestrandos em seus trabalhos. Nossos objetivos se especificam, também, para um debate sobre a pulverização de programas de pós-graduação no Brasil para além do eixo Sul-Sudeste, com enfoque sobre a região Nordeste, e como a temática sertaneja ganha espaço nesses novos lugares de pesquisa.

Os caminhos metodológicos se deram pelo levantamento de dissertações do Mestrado em História do PPGH/UFAL, localizados no repositório institucional da universidade. Nessa ocasião, foi possível identificar a listagem completa de trabalhos defendidos – visto que é um programa recente, fundado em 2012 –, e, a partir disso, selecionar aqueles que indicavam o tratamento de sertões e/ou sertanejos em suas propostas. Com isso, foi possível chegar ao montante de 9 (nove) trabalhos, que foram lidos e analisados a fim de compreender quais noções de sertão e sertanejo estavam sendo manejadas pela narrativa histórica construída, para enfim poder caracterizar a cultura histórica assumida nas produções do PPGH/UFAL.

Portanto, ao pensar no papel que a universidade assume para a produção historiográfica nacional, é preciso compreender os diferentes espaços de pesquisa histórica, os diferentes contextos de ensino superior. Sendo assim, torna-se imprescindível direcionar as atenções para essas fontes que traduzem as formas de produção do conhecimento histórico longe dos grandes centros urbanos, para que seja possível compreender as tendências da historiografia brasileira para além dos incessantes debates sobre a produção das regiões Sul e Sudeste. No caso dos programas de pós-graduação do Nordeste, vê-se ainda uma tímida produção com intenções de caracterizar a cultura histórica construída nesses âmbitos, apesar da carga massiva de dissertações, teses, monografias, artigos, etc. locados em seus repositórios institucionais. Por isso, abordar os conceitos de “sertão” e “sertanejo” nas dissertações de mestrado do PPGH/UFAL demonstra uma iniciativa ímpar, de grande valia para os estudos de história da historiografia, que busca tornar possível construir uma relação esses programas periféricos às temáticas que surgem em suas pesquisas, também periféricas.

As pós-graduações em história do Nordeste e a temática sertaneja

Conforme descrito anteriormente, o Brasil testemunhou intensas transformações em suas políticas de organização e oferta de ensino superior. Um extenso caminho foi percorrido até que se instituisse o caráter das universidades que se tem hoje em dia. Muitas disputas políticas e ideológicas pautaram esse processo que se dá desde os anos 1930 do século passado. Pensando nos três eixos de atividades promovidos no ambiente, a presente discussão se atém ao aspecto da pesquisa. Nesse sentido, o domínio sobre a pesquisa científica no Brasil foi, assim como o domínio sobre as universidades, foi alvo de intensas disputas e transformações, principalmente no caso das pós-graduações, principais expoentes de pesquisadores do país. As pós-graduações no Brasil tem sua trajetória concomitante às graduações, já sendo comum encontrar registros de defesas de teses de doutoramento, ao estilo francês, nos cursos de Direito e Medicina nas universidades recém criadas. Com a fundação da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1951, e do Parecer Sucupira, em 1965, essa etapa da educação superior é consolidada. Com essas entidades, os estudos de pós-graduação e a prática de pesquisa passaram a ser financiados, de forma a incentivar o ingresso dos graduados em estudos posteriores, dentro e fora do Brasil. Para se ter compreensão da expansão dos programas de pós-graduação, em 1979 eram somente 97 cursos de mestrado e 53 de doutorado credenciados a atuar no país. Já em 1995, 16 anos depois, o sistema de pós-graduação brasileiro contava com mais de mil cursos de mestrado e 600 de doutorado (Diniz, 2023). Nos dias atuais, de acordo com dados da Plataforma Sucupira³, são mais de 4700 programas de pós-graduação ativos e reconhecidos em território nacional, sendo distribuídos em mestrados e doutorados profissionais ou acadêmicos. Esse crescimento exponencial da disponibilidade de ingressar em estudos posteriores à graduação, juntamente com as políticas de inclusão social nas universidades, resulta na popularização da pesquisa científica no Brasil, abrindo margem para a abordagem de temáticas antes subjugadas pela produção protagonizada pelas elites do país – que apesar de ainda ocupar muitos espaços dentro da universidade, não são mais hegemonia indiscutível no ambiente

³ A Plataforma Sucupira é uma ferramenta digital que disponibiliza, em tempo real, os dados relativos aos cursos de graduação e programas de pós-graduação ativos e reconhecidos em todo o país. Pode ser acessada através da URL <https://sucupira-v2.capes.gov.br>.

acadêmico. No âmbito da pesquisa científica em História, são 83 programas de pós-graduação em História, sendo 21 deles ofertados na região Nordeste, recorte espacial desta pesquisa.

Ao determinar a região Nordeste como interesse de análise, é preciso ter em mente que, sendo inicialmente a região mais rica, destino de maior investimento da Coroa Portuguesa durante os tempos coloniais, a partir da descoberta de minerais preciosos ao sul do país, as políticas públicas voltaram suas atenções ao eixo Rio-São Paulo, e o antigo centro da colônia ficou preterido às novas prioridades do governo colonial. Essa tendência de desfavorecimento do Nordeste em relação ao Sudeste tornou-se, então, o padrão de atuação político do Brasil, permanecendo pelo Império, Primeira República, Estado Novo, Ditadura Militar e com leves sinais de abrandamento durante a redemocratização. Mesmo assim, as marcas do abandono se destacam em vários setores de desenvolvimento do Nordeste, que ficaram desamparados por muitas décadas. Tratando de pesquisa científica, o contexto vivenciado é o mesmo. Como já elencado, a USP, desde sua criação, torna-se o cerne da pesquisa brasileira, o que permite especular que as instituições de ensino superior nas demais regiões do Brasil – apesar de algumas existirem há mais tempo do que a USP – não puderam acompanhar com o mesmo fervor o desenvolvimento de uma cultura científica tal como aconteceu nas universidades da região Sul-Sudeste. Com isso, os programas de pós-graduação demoraram a se pulverizar no Nordeste. À exceção de casos como o do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que completou 50 anos em 2024, a maioria dos programas nordestinos foram fundados após os anos 2000. Esses são os casos, por exemplo, do PPGH da Universidade Federal do Ceará (UFC), de 2000; também dos PPGH da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de 2005; e dos PPGH da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – sendo esta objeto principal de interesse deste trabalho.⁴

É a partir da ampliação de programas de pesquisa na região Nordeste que trabalhos historiográficos sobre a identidade nordestina começam a emergir com mais frequência no cenário da pesquisa histórica. No mesmo viés da trajetória que define a situação das pós-

⁴ Dados coletados da Plataforma Sucupira em abril de 2025.

graduações na região, a o fator identitário passa a ser pensado como resultado de um discurso reativo das elites agrárias em decadência, que se origina como negação às políticas públicas modernizantes que favoreciam o desenvolvimento técnico-industrial no Sudeste (principalmente na cidade de São Paulo) enquanto desprezavam a região Nordeste por seu potencial econômico esgotado e suas mazelas climáticas incontornáveis (Albuquerque Júnior, 2011). Dentro dos estudos sobre o Nordeste, surge então uma categoria indispensável nas discussões: o sertão e, conseqüentemente, o sujeito sertanejo. O primeiro assumiu o sentido, nas narrativas de invenção do Nordeste, como ambiente hostil e impiedoso, caracterizado pela seca e pela falta de vida, enquanto seu habitante, o homem – sempre masculino, mesmo quando mulher – sertanejo, é forte por causa do ambiente que vive, da sua ancestralidade mestiça, e refém de um abandono institucional do governo brasileiro, mas que mesmo assim os tempos difíceis da seca e da pobreza com força viril inspiradora (Albuquerque Júnior, 2003).

A emergência das pesquisas sobre história dos sertões se evidencia a partir do surgimento, por exemplo, do Mestrado em História dos Sertões, que faz parte do Programa de Pós-Graduação do Centro de Ensino Superior do Seridó (PPGHC), campus da UFRN na cidade de Caicó. Através dos trabalhos produzidos neste e em outros programas, como os do PPGH/UFAL – fonte principal desta pesquisa –, torna-se possível revisitar o que já foi escrito sobre sertões, e com isso questionar a herança elitizada que essas produções demonstram, sendo obras de integrantes da classe alta sertaneja que buscavam definir a simbologia dos sertões para sua própria identidade. Além disso, essa construção discursiva que descrevia os sertões como homogêneos passa a ser questionada, e a pluralidade cultural, artística, social e política desse conceito tão diverso começa a ser investigada (Santos, 2023).

Essa área de concentração de pesquisas se preocupa com a reelaboração das identidades políticas construídas ao redor dos sertões. Primeiro, numa perspectiva para defini-los, sua origem no vocabulário português pré-colonial, e depois, com os empreendimentos da metrópole ibérica na América e na África, os novos significados que assumem frente às terras estranhas e de dimensões continentais. No entanto, as transformações simbólicas dos sertões perduram até a contemporaneidade, deixando de ser uma categoria de classificação administrativa – representando a área que estivesse

ainda fora da lógica de dominação da Coroa Portuguesa – para ser apropriada pelos discursos da elite nordestina em desvantagem econômica – com o objetivo de caracterizar a região e com isso evidenciar os valores originais de virilidade e brasilidade nos sertanejos nordestinos, diferentes da leva modernizada que se formava na região Sul – no século XX, até que, com as novidades da pesquisa histórica, passasse a ser questionado (Amado, 1995). O sertão, portanto, pode ser entendido como uma alteridade, plural e diversa, de vários sentidos ao longo do tempo, que ocupa um lugar simbólico no imaginário da população brasileira, e que por isso foi alvo de inúmeras especulações por intelectuais e historiadores (Santos, Macedo, Andrade, 2023.). Os textos que buscaram definir os sertões, nacional e internacionalmente, nas esferas macro e micro, são o alvo desta pesquisa. Pela análise das teses e dissertações produzidas pelos programas de pós-graduação do Nordeste, pode-se tecer uma trajetória de tratamento dos sertões pela historiografia desses cursos de mestrado e doutorado.

Portanto, os paralelos que são possíveis observar entre o contexto de surgimento dos programas de pós-graduação do Nordeste e a crescente evidência das temáticas sertanejas, trabalhadas em pesquisas de mestres e doutores em história por universidades nordestinas, sugerem uma relação de que essas duas operações fazem parte de um mesmo processo. Por isso, o presente trabalho busca investigar como os sertões e os sertanejos são representados nas produções de um desses programas de pós-graduação mencionados: o PPGH/UFAL.

O caso das representações dos sertões e sertanejos nas dissertações de Mestrado do PPGH/UFAL

O Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas (PPGH/UFAL) foi fundado no ano de 2012, sendo o único de todo o estado, tem *Poder, Cultura e Sociedade* como área de concentração, assumindo uma postura generalizante para que seja possível dialogar com o perfil de todos os professores e pesquisadores envolvidos nas atividades do programa⁵. Além disso, divide-se em duas linhas de pesquisa, sendo a

⁵ Informações obtidas no endereço eletrônico institucional do PPGH/UFAL: <https://ichca.ufal.br/pt-br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado-em-historia>.

primeira “Relações de Poder, Conflitos e Movimentos Sociais”, e a segunda “Culturas Políticas, Representações, Discursos e Narrativas”.

Para esta análise, foram selecionadas todas as dissertações disponíveis no repositório institucional do PPGH/UFAL que tratassem da temática sertões. Chegamos, com essa iniciativa, a uma contagem de 9 (nove) trabalhos, defendidos entre 2015 e 2023, que de alguma forma trouxessem os sertões em suas discussões. Em ordem cronológica, os trabalhos são: *Trabalho, Seca e Capital da Construção da Ferrovia Paulo Afonso à Fábrica de Linhas da Pedra (1878-1914)*, defendido por José Cícero Correia em 2015; *A trajetória do pistoleiro Zé Crispim e o imaginário sertanejo em Alagoas - Anos 1960*, defendido por Tarcyelma Maria de Lira Silva em 2015; *Família e Relações de Parentescos de Escravizados – Água Branca, Alto Sertão da Província de Alagoas (1850-1888)*, defendido por Marília Lima de Araújo em 2018; *Os Índios Xukuru-Kariri na Mata da Cafurna em Palmeira dos Índios: relações socioambientais no semiárido alagoano (1979 a 2016)* defendido por Mary Hellen Lima das Neves em 2019; *Cangaço, crime, honra e pistolagem no Sertão Alagoano (segunda metade do século XX aos dias atuais)* defendido por Victor Thiago Carneiro Lima em 2019; *O sertão também é punk: a trajetória do movimento punk em Delmiro Gouveia (Alto Sertão Alagoano, 1984 a 1996)*, defendido por José Rinaldo Queiroz de Lima em 2020; *Da teologia da enxada ao MST: conflitos, (re)ocupações e as experiências de reforma agrária do Peba e do Lameirão, Delmiro Gouveia, Alagoas, Sertão do São Francisco, 1982-1989* defendido por Aline Oliveira da Silva em 2021; *Sertanejas de negócios, Delmiro Gouveia, Alagoas, 1968-2022*, defendido por Maele Moreira Sandes Cavalcanti em 2023; e *‘Quem chegou foi Kalankó!’: resistências e tramas indígenas no Alto Sertão alagoano (1980-2017)*, defendido por Vinícius Alves de Mendonça em 2023. A partir desse levantamento quantitativo, foi possível ler cada trabalho para identificar como o sertão e os sertanejos são identificados em cada texto.

Na primeira dissertação a discutir sertões, Correia (2015) dedica a introdução do texto para apresentar o conceito de “sertão” como essa categoria da alteridade, utilizada na América Portuguesa para falar do lugar afastado, longe da civilização e da lógica administrativa colonial, o lugar ainda desconhecido, indomado. Articula as ideias da historiadora Janaína Amado, acrescentando que sertão ainda é um termo presente, apesar da colônia portuguesa não mais existir. Ainda, aponta para a carência de estudos sobre os

sertões e chama a atenção para o uso generalizante desse conceito, que não se refere somente ao interior de um estado, mas abarca processos de formação histórico-sociais muito distintos de região para região, e que devem ser compreendidos em suas particularidades (Correia, 2015). Para além dessa parte, o autor segmenta o texto em 3 (três) capítulos: “1. O Sertão Alagoano no Último Quarto do século XIX”, “2. Delmiro Gouveia: Trajetória de Vida e Formação do Industrial” e “3. A Fábrica da Pedra e o Cotidiano Operário no seu Núcleo”. Obedecendo aos objetivos do trabalho, nos ativemos ao primeiro capítulo, cuja temática sertaneja é protagonista. Nessa seção, o autor pensa o sertão alagoano do século XIX como palco de inúmeros processos, seu enfoque é sobre o desenvolvimento político e econômico daquela região, que estava fora da lógica de monocultura de cana-de-açúcar do litoral da então província de Alagoas. É destacado também o episódio da seca de 1877-1879, que assolou também aquela região semiárida, e a partir disso explora-se a construção da ferrovia Paulo Afonso como uma alternativa de conforto econômico e social para a região, a partir de 1878. Em seus argumentos, o autor aborda a questão das políticas públicas que o Império empreendia para inserir o país na economia mundial, mobilizando força de trabalho até mesmo das regiões mais remotas do país (os sertões), o que coincidiu com a crise de recursos causada pela seca de 1877. Os efeitos dessa calamidade na província do Alagoas foi semelhante às demais regiões afetadas: alto índice de mortalidade, além das invasões de retirantes às cidades mais próximas ao litoral, o que gerava escassez de alimentos e demais recursos. Nesse contexto, a construção de uma ferrovia, além de gerar lucro para os idealizadores, traria recursos para os retirantes que morriam de fome, e por isso estava justificada. Por fim, é trazido um destaque importante sobre a condição de trabalho das pessoas sertanejas envolvidas na construção da ferrovia. Sob o contexto de um Brasil Imperial ainda escravista, a maioria dos operários envolvidos era negra e sujeita a castigos físicos que por vezes levavam à morte, em decorrência de sua gravidade – apesar de haver, nos textos oficiais, a certeza de que os retirantes da seca não estavam sendo escravizados, mesmo sendo obrigados a trabalhar em troca de alimento. Ao final do capítulo, o autor retoma a representação de sertão construída ao longo do texto, chamando atenção para o cenário descrito da construção da Ferrovia Paulo Afonso. Nessa parte, é reforçada a visão de sertão como um conceito que vai além do recorte espacial, se estabelecendo enquanto categoria de pensamento social e cultural brasileira. Os sertanejos são entendidos como sujeitos

primordiais para o processo de inserção do sertão na lógica capitalista moderna que se instaurou no Brasil, por iniciativa do Governo Imperial, sob influência das potências internacionais. É pensado também o sertanejo negro escravizado, que se faz presente nessa narrativa construída sobre o sertão alagoano.

Sobre este último elemento do trabalho, que é pouco explorado, Araújo (2018) se atém a discutir profundamente as relações familiares entre os sertanejos negros escravizados. Tomando como recorte o século XIX, a partir da proibição do tráfico internacional de escravos, o trabalho traz destaque às estratégias de parentesco adotadas por esses sujeitos na busca pela garantia de direitos perante a Lei, a Igreja e a comunidade (Araújo, 2018). Em comparação ao litoral, as dinâmicas escravistas no sertão obedeciam a outros padrões, acontecendo quase paralelamente à realidade da zona da mata e da capital.

Por outra vertente, o trabalho de Silva (2015) busca olhar diretamente para questões de representação, ao pensar no imaginário sertanejo de Alagoas a partir da figura do pistoleiro Zé Crispim. Diferentemente da dissertação anterior, esta não concentra a discussão da temática sertaneja em um capítulo específico, mas sim dilui a narrativa na extensão completa do texto. Ao longo dos 5 (cinco) capítulos, a autora explora o sertanejo enquanto sujeito representante de uma virilidade remanescente dos tempos anteriores à modernidade. A figura do pistoleiro que centraliza o tema da pesquisa é narrada como símbolo desse ideal de homem do sertão, forte, macho e além de tudo religioso. A questão da religiosidade é pincelada ao passo que a existência de Zé Crispim toma contornos místicos, pelas histórias que envolvem sua fuga ao sertão (Silva, 2015). Nesse mesmo assunto, o sertão assume o sentido, por vezes, de refúgio para os criminosos e dissidentes dos grandes centros. Dessa forma, a narrativa da violência associada aos sertões e aos sertanejos é muito comum – a apropriação da figura do cangaceiro como elemento identitário nordestino é uma evidência disso. A dissertação de Lima (2019) tem como enfoque a associação entre o fenômeno do Cangaço e a mentalidade da honra no sertão alagoano, outro elemento tomado na formação identitária do homem sertanejo. Esse trabalho explora três recortes distintos: o Sertão do Ipanema, o Sertão do São Francisco e o Sertão meridional. Com isso, já é possível conceber a existência de inúmeros sertões em um mesmo sertão, e entender que a categoria se estende para além do espaço geográfico, assumindo sentidos compostos por fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, etc.

Sendo assim, a discussão conceitual que se faz acerca da violência e da honra no sertão se baseia principalmente nas ideias de Eric Hobsbawm e Richard Slatter, assim como as posições dos historiadores sertanistas brasileiros, na tentativa de identificar uma tendência fenomenológica do banditismo rural que foi visto nos sertões alagoanos durante o século XX, até os dias atuais – 2019, ano de escrita do trabalho (Lima, 2019). O levantamento caracteriza o bandido sertanejo que encontra apoio em sua comunidade para se proteger das autoridades, pois estas não são bem-vindas nos interiores violentos dos sertões. Nessa narrativa, o cangaceiro/ pistoleiro/ jagunço assume uma postura de humildade, de representação de seu povo, também humilde, na revolta contra o sistema que os abandona. Sendo assim, o crime nos sertões surgia como forma de preencher lacunas do poder judiciário que não chegava para resolver os conflitos da população sertaneja. As intrigas de família, atentados contra a honra, traições, eram os tipos de motivação para o crime que tentava resolver as questões e defender os interesses das partes envolvidas.

As mulheres sertanejas foram pouco representadas nos trabalhos levantados, apesar de haver menções consideráveis dentro de outras temáticas, a participação feminina como elemento principal só pôde ser encontrada no trabalho de Cavalcanti (2023). Em sua dissertação, a autora articulou discussões do campo de Estudos de Gênero para construir uma narrativa sobre as empresárias sertanejas em atividade desde 1968, na cidade de Delmiro Gouveia, sertão de Alagoas. No texto, em dois momentos a temática sertaneja é acionada, ora para caracterizar o contexto de vivência das mulheres entrevistadas para o desenvolvimento da pesquisa, ora para descrever suas trajetórias enquanto sertanejas. No primeiro caso, o sertão é descrito assim como no primeiro trabalho analisado, como uma região de grande potencial econômico, e alvo de fortes investimentos capitalistas para a mobilização da força de trabalho que ali habitava. Essa tendência se demonstrava a partir da construção de ferrovias, estradas e demais facilitadores para interligar o comércio na região. É sobre esse pano de fundo que se constroem os empreendimentos de mulheres, presentes principalmente na feira livre da cidade, local público aberto à comercialização diversa (Cavalcanti, 2023).

Outra temática recorrente nos trabalhos sobre sertões é a questão indígena. Neves (2019) pensa no sertão alagoano a partir da presença indígena, principalmente do povo Xukuru-Kariri, no município de Palmeira dos Índios. A discussão acerca da temática

sertaneja se baseia, assim, no histórico de violência, morte e perseguição dessas sociedades nativas, que frente à colonização, viram-se obrigadas a se interiorizar e mudar seus territórios em busca de segurança e fuga. Frente aos sucessivos projetos de apagamento cultural empreendidos pelas forças governamentais desde os tempos coloniais, a população indígena de Alagoas – assim como a de todo o Brasil – nunca deixou de resistir (Neves, 2019). Esse trabalho possui uma questão classificatória, pois o seu recorte temporal não abarca oficialmente a região sertaneja do estado. No entanto, por articular em seu texto os conceitos mobilizados, ele entrou nessa análise. Com mais certeza de adequação aos parâmetros desta pesquisa, temos a dissertação de Mendonça (2023), que se preocupa em analisar as representações existentes sobre os indígenas Kalankó, organizados em comunidade na zona rural de Água Branca, no Alto Sertão. O autor destaca que, apesar do elemento indígena ser tomado como fundador da identidade sertaneja, caracterizando a força do habitante do sertão, as experiências indígenas ainda são silenciadas na historiografia (Mendonça, 2024). Por isso, é importante recuperar essas identidades étnicas em negação, tratando a resistência de povos indígenas como algo ainda atual e trabalhando ativamente para reconhecer sua presença e influência históricas. Dentre as reivindicações desses povos, a questão territorial é a mais destacada. Tendo sido alvo de inúmeras desapropriações, o autor descreve que os Kalankó, nas últimas décadas, lideraram a movimentação pela demarcação de terras historicamente ocupadas.

Sobre a questão de terras, outro trabalho que se sobressai na mesma temática é o de Silva (2021). No texto, a autora traz enfoque sobre as disputas do Movimento Sem Terra na região do Sertão do São Francisco, durante um pequeno intervalo de tempo (1982-1989). A partir dessa pesquisa, foi possível compreender as atividades sindicais no sertão alagoano, e suas consequências para os trabalhadores rurais na reivindicação de direitos sobre a terra. No período de redemocratização do país, esses debates ganharam contornos políticos e mobilizaram uma parcela importante da população, que passou a se conscientizar para lutar por seus direitos (Silva, 2021).

Por fim, temos o trabalho de Lima (2020), que traz a trajetória do movimento *punk* na cidade de Delmiro Gouveia, dedicando-se ao recorte de 1984 a 1996. Partindo majoritariamente de fontes jornalísticas e acervos pessoais, o autor consegue remontar a formação de um movimento alternativo, importado pela juventude sertaneja, que ganhou

força política relevante na região, fomentando a participação de protestos e manifestações progressistas. O destaque é direcionado para a militância que envolveu os *punks* depois de sua consolidação enquanto comunidade, mas a temática sertaneja não se separa desse processo, pois foi a base para sua formação (Lima, 2020). Com isso, quebra-se as ideias pré-moldadas que o sertão é um lugar atrasado, estagnado, aonde as ideias não chegam.

Considerações Finais

Apesar de recente, o PPGH/UFAL demonstra uma extensa variedade de trabalhos, nas mais diversas temáticas de discussão. Essa pluralidade se demonstra mesmo com o recorte conceitual que escolhemos para o presente trabalho: as representações de sertões e sertanejos. Frente às possibilidades de contribuir para os estudos de história da historiografia, o presente trabalho descreveu as pesquisas que estão sendo realizadas em um dos programas de pós-graduação em história do Nordeste, com enfoque em destacar as tendências e preocupações dos pesquisadores na construção das narrativas históricas em suas dissertações.

Concordando com a tendência generalizante do currículo proposto pelo PPGH/UFAL, os trabalhos sobre sertões analisados a partir do repositório institucional demonstraram uma variedade temática impressionante. O que se pode elencar de padrão, entre tudo que foi visto, é a preocupação com o social, e o olhar crítico sobre o que é considerado canônico. Mesmo que nem todos os textos se dedicassem a desenvolver uma discussão ao redor do conceito de sertão, todas as vezes que o termo foi usado nos trabalhos, veio associado de uma crítica a qualquer concepção resumida dessa categoria. Diretamente e indiretamente, todos demonstraram uma postura de compreensão da complexidade que envolve os sertões, e das armadilhas discursivas que envolvem os sertanejos, em sua construção identitária.

Portanto, se pensarmos na existência desse Programa como fruto do aumento exponencial da presença e da possibilidade de acesso ao ensino superior em regiões afastadas do eixo Sul-Sudeste, como é o caso das cidades nordestinas, podemos associá-lo à crescente verificação de crítica social nas temáticas das produções historiográficas, principalmente no que diz respeito aos sertões e aos sertanejos.

Concluimos, com isso, que pelo pouco tempo de existência do programa, é infrutífero fazer um trabalho comparativo interno entre os trejeitos das dissertações ao longo do tempo. No entanto, nos preocupamos em caracterizar essas produções recentes, com vistas a identificar o tratamento que a temática sertaneja está recebendo em instituições de ensino superior consideradas periféricas no panorama geral das universidades brasileiras.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Editora Catavento, 2003.

AMADO, Janaína. “Região, sertão, nação”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, vol. 8, n. 15, p. 145-151, jan./ jul. 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1990>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ARAÚJO, Marília Lima de. *Família e Relações de Parentescos de Escravizados - Água Branca, Alto Sertão da Província de Alagoas (1850-1888)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2018.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. “Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma”. *Locus – Revista de História*, Juiz de Fora, UFJF, vol. 12, n. 1, p. 79-94, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20629>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BARRETO, Arnaldo Lyrio; FILGUEIRAS, Carlos A. L. “Origens da universidade brasileira”. *Química Nova*, Campinas, UNICAMP, vol. 30, n. 7, p. 1780-1790, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-40422007000700050>.

CAVALCANTI, Maele Moreira Sandes Cavalcanti. *Sertanejas de negócios, Delmiro Gouveia, Alagoas, 1968-2022*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2023.

CORREIA, José Cícero. *Trabalho, Seca e Capital da Construção da Ferrovia Paulo Afonso à Fábrica de Linhas da Pedra (1878-1914)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2015.

DINIZ, Isis. “A pós-graduação no Brasil: evolução e desafios”. Instituto Questão de Ciência, Observatório de Políticas Científicas. Sítio eletrônico institucional. São Paulo: IQC, 2023. Disponível em: <https://iqc.org.br/observatorio/artigos/educacao/a-pos-graduacao-no-brasil-evolucao-e-desafios/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GONTIJO, Rebeca. "A história da historiografia no Brasil, 1940-1970: apontamentos sobre sua escrita". In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 1-11. Publicação eletrônica. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300912250_ARQUIVO_ANPUH2011TextoRebecaGontijo.pdf. Acesso em: 10 abr. 2025.

LIMA, José Rinaldo Queiroz de. *O sertão também é Punk: a trajetória do Movimento Punk em Delmiro Gouveia - Alto Sertão Alagoano (1984 A 1996)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2020.

LIMA, Victor Thiago Carneiro. *Cangaço, crime, honra e pistolagem no sertão alagoano (segunda metade do século XX aos dias atuais)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2019.

MENDONÇA, Vinícius Alves de. *'Quem Chegou Foi Kalankó!': resistências e tramas indígenas no Alto Sertão alagoano (1980-2017)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2024.

NEVES, Mary Hellen Lima das. *Os índios Xukuru-Kariri na Mata da Cafurna em Palmeira dos Índios: relações socioambientais no semiárido alagoano (1979 a 2016)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2019.

NICODEMO, Thiago Lima; SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Uma introdução à história da historiografia brasileira (1870-1970)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

SANTOS, Evandro; MACEDO, Helder; ANDRADE, Joel. "A história dos sertões em novas perspectivas: Contribuições para construção de um campo de pesquisa". In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (org.). *Fazendo Ciência nos Sertões: experiências e idealizações no Seridó*. Sobral: Sertão Cult, 2023, p. 137-162.

SANTOS, Evandro. "Por novos e múltiplos sertões". In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (org.). *Fazendo Ciência nos Sertões: experiências e idealizações no Seridó*. Sobral: Sertão Cult, 2023.

SILVA, Aline Oliveira da. *Da teologia da enxada ao MST: conflitos, (re)Ocupações e as experiências de Reforma Agrária do Peba e do Lameirão, Delmiro Gouveia, Alagoas, Sertão do São Francisco, 1982-1989*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2021.

SILVA, Tarcyelma Maria de Lira. *A trajetória do pistoleiro Zé Crispim e o imaginário sertanejo em Alagoas - Anos 1960*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2015.

SOUZA, Dominique Guimarães; MIRANDA, Jean Carlos; SOUZA, Fabiano dos Santos. "Breve histórico acerca da criação das universidades no Brasil". *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ, vol. 19, n. 5, p. 1-6, 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/5/breve-historico-acerca-da-criacao-das-universidades-no-brasil>. Acesso em: 10 abr. 2025.

Recebido em: 30 abr. 2025.
Aprovado em: 24 jun. 2025.
Aceito em: 01 jul. 2025.